

Saúde e sofrimento em Gestalt-terapia

LILIAN MEYER FRAZÃO
KARINA OKAJIMA FUKUMITSU
[ORG.S.]

SAÚDE E SOFRIMENTO EM GESTALT-TERAPIA

Copyright © 2026 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação: **Carlos S. Mendes Rosa**

Revisão: **Samara dos Santos Reis**

Capa: **Renata Buono**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação7
<i>Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu</i>	
1 Quadros clínicos como formas de ajustamento criativo. . .	11
<i>Lilian Meyer Frazão</i>	
2 Saúde existencial e sofrimento: uma abordagem dos recursos de enfrentamento e a construção de sentidos . . .	31
<i>Karina Okajima Fukumitsu</i>	
3 Perspectiva de campo e medicalização da existência	57
<i>Mariama Furtado</i>	
4 O sentido do sofrimento: encontros e despedidas	79
<i>Camila da Costa Olmos Bueno</i>	
5 Deficiência, interseccionalidade e Gestalt-terapia	101
<i>Alexandra Cleopatre Tsallis, Maria Cristina Frascaroli (Tsallis), Keyth Vianna e Loíse Lorena do Nascimento Santos</i>	

6	Relações amorosas e familiares na contemporaneidade: possibilidades e desafios para a clínica gestáltica121
	<i>Teresinha Mello da Silveira</i>	
7	Educação parental para pacientes com doenças crônicas . .	.141
	<i>Graziela de Araujo Costa</i>	
8	Quando o corpo-vivência dói: o existir com HIV/aids como sofrimento155
	<i>Gustavo Alves Pereira de Assis</i>	
9	“Onde as mina não tenha que ser tão forte”: nas encruzilhadas da loucura e das psicoses177
	<i>Gisleide Maria de Sena</i>	

Apresentação

LILIAN MEYER FRAZÃO E KARINA OKAJIMA FUKUMITSU

Para este volume 11 da **Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas**, Lilian Meyer Frazão propôs o eixo temático “saúde e sofrimento em Gestalt-terapia”. A escolha do assunto nos convoca a revisitar uma das dimensões mais profundas da experiência humana: a tensão dinâmica entre o sofrimento e as possibilidades de saúde no processo de existir.

A Gestalt-terapia compreende o sofrimento ou o sintoma não como algo por eliminar, mas como expressão legítima da natureza humana que ocorre num campo. Dessa perspectiva, saúde não é ausência de sofrimento, mas capacidade de autorregulação e de construção de significados diante das adversidades da vida.

Abrimos o volume com “Quadros clínicos como forma de ajustamento criativo”, de Lilian Meyer Frazão, que propõe compreender ansiedade e depressão como possíveis ajustamentos criativos, analisando o caso de uma adolescente para mostrar como os sintomas podem expressar tentativas

de ajustamento ao contexto familiar. A autora postula que cada quadro clínico deve ser entendido em sua singularidade, como expressão de sentido e não apenas como patologia.

Já no capítulo 2, “Saúde existencial e sofrimento: uma abordagem dos recursos de enfrentamento e a construção de sentidos”, Karina Okajima Fukumitsu discute a saúde do ponto de vista existencial. A autora enfatiza os recursos de enfrentamento como possibilidades de reorganização criativa, destacando que o sofrimento pode se tornar uma via de ampliação de *awareness* e responsabilidade existencial, por meio do processo psicoterapêutico embasado numa atitude dialógica.

Mariama Furtado problematiza a tendência contemporânea de “patologizar” experiências humanas em “Perspectiva de campo e medicalização da existência”, no capítulo 3. Com base na teoria de campo, a autora questiona a redução da complexidade existencial a diagnósticos, rótulos e medicalização da existência, propondo uma leitura que considera a influência dos atravessamentos sociais, culturais e políticos na produção do sofrimento.

No capítulo sobre “O sentido do sofrimento: encontros e despedidas”, Camila da Costa Olmos Bueno explora a dimensão do inter-humano no adoecimento e também na cura, afirmando que “os sofrimentos e os sintomas são eventos relacionais” e demandam da pessoa um trânsito entre mundos, o que implica separar e viver sua vida individualmente e habitar simultaneamente o mundo do e com o outro a fim de cultivar a vida compartilhada.

No capítulo 5, “Deficiência, interseccionalidade e Gestalt-terapia”, Alexandra Tsallis e colegas apresentam

uma visão atualizada de que a questão da deficiência tem um vetor interseccional pelo qual a pessoa com deficiência é atravessada por questões socioeconômicas e culturais muito além do seu corpo.

Em “Relações amorosas e familiares na contemporaneidade: possibilidades e desafios para a clínica gestáltica” (capítulo 6), Teresinha Mello da Silveira analisa as transformações nas configurações afetivas e familiares. Ela discute os impasses relacionais da atualidade, apontando como a clínica gestáltica pode sustentar diálogos mais responsáveis nas relações íntimas.

No capítulo 7, “Educação parental em famílias de pacientes com doenças crônicas”, Graziela de Araujo Costa, partindo de sua experiência como médica especializada em cuidados paliativos em pediatria, apresenta uma visão humana e humanizadora, do ponto de vista médico e psicoterapêutico, dos sofrimentos de famílias nas quais há uma criança com adoecimento grave.

No capítulo 8, “Quando o corpo-vivência dói: o existir com HIV/aids como sofrimento”, Gustavo Alves Pereira de Assis propõe uma reflexão sobre o corpo como lugar de experiência e estigma. O autor articula sofrimento físico, social e existencial, destacando como a Gestalt-terapia pode favorecer a integração da experiência corporal e a reconstrução de sentidos diante do diagnóstico.

Encerrando o volume, o capítulo 9, “‘Onde as mina não tenha que ser tão forte’: nas encruzilhadas da loucura e das psicoses”, Gisleide Maria de Sena faz um sensível e profundo relato de sua experiência psicótica, suscitando importantes reflexões. Diz ela que precisou recolher seus cacos e aprender

a honrá-los, o que nos sugere a arte japonesa do *kintsugi*: ressaltar as fraturas da porcelana com ouro, tornando a peça uma obra de arte. Ao compartilhar seu sofrimento, a autora nos presenteia com uma verdadeira “obra de arte de ser”.

Os textos aqui reunidos demonstram que saúde e sofrimento não são polos opostos, mas dimensões entrelaçadas do existir. Este volume reafirma a potência da Gestalt-terapia como abordagem que sustenta a presença diante do sofrimento.

Que estas páginas possam inspirar, provocar e ampliar as possibilidades de compreender e intervir, com sensibilidade ética e responsabilidade clínica, nos processos de sofrimento humano à luz da Gestalt-terapia.

Boa leitura!

1.

Quadros clínicos como forma de ajustamento criativo

LILIAN MEYER FRAZÃO

Antes de iniciar este capítulo propriamente dito, preciso esclarecer algumas coisas. Inicialmente, a proposta para este texto era versar sobre “Ajustamentos criativos na saúde e no sofrimento”. Refletindo sobre que caminho tomar para falar dessa temática, lembrei-me de uma paciente cujas principais queixas (ansiedade e depressão) me pareciam ser ajustamentos criativos necessários no contexto de vida dela. Escolhi trilhar esse caminho, embora tenha me afastado um pouco da temática à qual inicialmente me propus a desenvolver aqui.

Marcela é uma jovem de 15 anos, estuda numa excelente escola em sua cidade e é encaminhada para psicoterapia por seu psiquiatra, que a medica com antidepressivo e melatonina, visando melhora na qualidade de seu sono.

Uma das razões que a trazem à terapia é o fato de que numa ocasião se excedeu no uso de álcool quando foi a uma festa com os amigos. Isso fez que tanto seu pai quanto sua mãe perdessem a confiança nela e instituíssem essa

regra inviolável: nenhum uso de álcool, seja onde for, seja em que situação for, seja com quem for. Nas palavras do pai, a embriaguez de Marcela “envergonhou a família”. Ela relata também muita ansiedade e que sua cabeça está sempre pensando em alguma coisa, sempre temendo que algo não vá dar certo e que não será bem-sucedida em suas atividades (acadêmicas e esportivas).

Relata também dificuldade em prestar atenção ao que lê... lê algumas páginas e esquece totalmente o que leu, tendo de repetir a leitura muitas vezes.

Afirma também que tem dificuldade de se relacionar e fazer amizades e é excluída dos grupos na escola, razão pela qual até mudou de instituição de ensino. Porém, algo semelhante se passa na nova escola, onde também encontra dificuldade para se inserir em um grupo e fazer trabalhos escolares coletivos.

Ambiciona morar fora do país para fazer faculdade e diz que “lá tudo será diferente”, embora não saiba dizer o que imagina ser diferente.

É filha de uma família de classe média alta. Seu pai tem escolaridade superior e é muito bem-sucedido profissionalmente, graças ao próprio esforço. A mãe de Marcela, ainda que tenha escolaridade superior, não trabalha, ocupa-se relativamente pouco e fica a maior parte do tempo em casa.

Nas sessões de psicoterapia, Marcela é bastante calada, tem muita dificuldade de se expressar e na maior parte das vezes em que se pergunta o que sente, responde laconicamente “não sei”.

Durante as sessões, é bastante comum Marcela cutucar o braço com o dedo indicador a ponto de chegar a causar